

OS PROVÉRBIOS JAPONESES

Maria Fusako Tomimatsu

RESUMO: O provérbio tem sido considerado, tanto no Japão como no Ocidente, um meio para registrar verdades fundamentais, obtidas através da experiência da vida real, e para transmitir a sabedoria e da observação do comportamento humano e da natureza em forma de crítica.

Este trabalho tem como objetivo apresentar os provérbios japoneses, suas características vistas sob aspectos retórico, argumentativo, oral e fonético.

RÉSUMÉ: Le proverbe a été considéré, autant dans le Japon que l'Occident, un moyen pour enregistrer vérités fondamentales, obtenues à travers expériences de la vie réelle, et pour transmettre la sagesse et l'observance de la conduite humaine et de la nature en forme de la critique.

Ce travail a comme l'objectif présenter les proverbes japonais, leur caractéristiques vues sous les aspects rhétorique, argumentatif, oral et phonétique.

PALAVRAS-CHAVE: cultura japonesa, provérbio, Retórica argumentativa, metáfora, comportamento, transmissão oral.

MOTS-CLEF: culture japonaise, proverbe, Rhétorique argumentative, métaphore, conduite, transmission orale.

1. Introdução

O folclorista e antropólogo japonês Yanagita Kunio (1951, p. 101) refere-se à origem do provérbio como um recurso lingüístico de persuasão que se utiliza de frases

curtas e eficazes em um contexto social, dada a dificuldade de obter um resultado satisfatório por meio do uso de frases longas.

Toyama (1983, p. 30) define o provérbio como cristalização do pensamento do povo unido à linguagem comum, como sistema de cognição do povo, estabelecendo-se entre o pensamento e a cognição um canal de ligação.

Para estudar os provérbios, deve-se levar em conta tanto a organização retórica e a argumentatividade que conduz à expressão, ao significado, ao sentido, quanto a parte estrutural.

Como o nosso interesse básico é entender a parte referente ao conteúdo semântico do provérbio, direcionaremos este estudo baseando-nos nas informações pertinentes à Retórica, como a argumentação, e as informações metafóricas.

2. A Retórica, a Argumentação e o Provérbio

A Retórica, desde o seu surgimento, possuía duas posições: a função pragmática, cujo objetivo é a persuasão, e a estilística, no sentido estrito.

Na Arte Retórica de Aristóteles que se direcionava para a persuasão, o provérbio e a paroímia também eram meio de argumentação para persuadir pessoas.

A argumentação era dividida em técnica argumentativa e técnica propriamente dita. A primeira era puramente técnica oratória, ou seja, a estratégia do uso de palavras para a argumentação; a segunda, pelo contrário, não era técnica para argumentar fatos, mas provas materiais obtidas por fora, como a lei, as declarações de testemunhas, os contratos e outros. Portanto, o provérbio era considerado como uma das espécies de declaração obtidas do material exterior (Sato, 1983, p. 38).

A argumentação não é comprovação matemática, é força persuasiva. Aristóteles (1964, pp. 45, 49, 71) parece ter sentido nos provérbios a força persuasiva, pois ele próprio utiliza-os para reforçar suas teorias na Arte Retórica:

- Os males aproximam os homens, quando o que os prejudica é idêntico para uns e para os outros;
- Quebrar o cântaro à porta de casa;
- Não há coisa melhor que a água;
- É aflitivo tudo o que se faz sob o império da necessidade etc.

A Retórica, na Europa de séculos posteriores, possuía caráter de aperfeiçoamento estilístico mais do que de argumentação. Por conseguinte, o provérbio foi abordado mais sob o ponto de vista da forma de expressão do que como uma espécie de argumentação. Era visto como uma espécie de alegoria, como figura da expressão ou como exemplo de aplicação da forma alegórica.

3. A Argumentação e a Modalidade

A persuasão realiza-se através do uso de palavras em orações e períodos. A frase centraliza-se na informação objetiva, cercada por elementos que modalizam a intenção do emissor.

O provérbio é persuasivo por natureza, uma vez que é utilizado desde a Antigüidade como elemento comprobatório de fatos empíricos da vida, conforme Deleuze (1993, p. 17) afirma: *!.../la seule théorie possible est une théorie de la pratique: pour l'entendement, calcul des probabilités et règles générales, pour la morale et les passions, règles générales et justice.*

Verificam-se quatro modalidades no sentido técnico lingüista: a assertiva, a injuntiva, a interrogativa e a optativa (Perelman & Tyteca, 1996, p. 179). Excluiremos a modalidade interrogativa, por não ser pertinente à característica do provérbio.

1) A modalidade assertiva concorda com qualquer argumentação. Esclarecemos que um grande número dos provérbios japoneses possui essa modalidade.

2) A modalidade injuntiva é expressa pelo imperativo. Entretanto, esta modalidade não possui força persuasiva como aparenta, pois que a sua força é atribuída à pessoa que dá ordens.

3) A modalidade optativa é a que se ajusta às normas; está ligada à ação de um desejo “tomara que”, exprimindo aprovação que, por sua vez, está estreitamente ligada ao estabelecimento de uma norma (*Idem*, pp. 179-181).

Para Perelman e Tyteca (1996), o emprego do tempo também é um elemento relevante para exercer influência sobre o ouvinte:

1. O perfeito é incontestável, pois exprime o fato consumado;
2. O imperfeito é transitório;
3. O presente expressa o universal, a lei, o normal.

O presente é o tempo usado pelo provérbio, pela máxima, pelo adágio, na expressão de tudo que é considerado atual e que jamais perde o valor. Os retóricos reconhecem na forma verbal do presente a expressão do sentimento de presença. Um recurso utilizado freqüentemente pelos escritores porque a “*ilusão da vida é obtida com menores esforços (op. cit., pp. 181-182)*”

O valor argumentativo do pronome indefinido consiste em introduzir uma norma (Perelman e Tyteca, 1996).

O uso do pronome indefinido, bem como o emprego da terceira pessoa, diminui a responsabilidade pessoal no juízo, criando uma distância entre aquele que diz e o que é dito (*op. cit., p. 183*).

4. Os Recursos Argumentativos

Perelman e Tyteca explicam os recursos argumentativos da seguinte maneira:

- 1) papel do ridículo na argumentação

O ridículo, provocador do riso, é um meio de condenar um comportamento considerado excêntrico, fora das normas de um determinado grupo social. O temor que o ridículo provoca era freqüentemente utilizado como meio de educação. São numerosos os provérbios japoneses jocosos utilizados para apontar as falhas dos membros da comunidade (Yanagita, 1962, p. 101).

O ridículo é uma arma poderosa utilizada pelos oradores contra aqueles que ameaçam derrubar a sua argumentação.

2) Argumentos de reciprocidade

A reciprocidade refere-se à aplicação do mesmo tratamento em duas situações correspondentes. Perelman e Tyteca (1996) apresentam o exemplo de Quintiliano: “O que é honroso aprender, também é honroso ensinar”

Os argumentos de reciprocidade colocados desta maneira parecem quase lógicos e convincentes por basear-se na relação entre o antecedente e o conseqüente.

3) Argumentos de comparação

Nos provérbios japoneses, constata-se a presença de argumentos que recorrem à comparação, baseados na concepção de valores contextuais da época. Gramaticalmente, são manifestos pelo uso da partícula *yori* (é melhor... que ...) que indica a comparação de superioridade.

4) Argumentação fundamentada na relação entre causa e efeito

Conforme Perelman e Tyteca, as argumentações fundamentadas na relação entre causa e efeito são aquelas argumentações que, “*sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar*”

Tais recursos argumentativos utilizados para persuadir o auditório coincidem perfeitamente com os encontrados nos provérbios japoneses.

5. *As Características dos Provérbios Japoneses*

Para descrever os provérbios japoneses, recorreremos às teorias dos autores japoneses como Yanagita (1962), Kaneko (1983) e Wakamori (1976), e também às explicações buscadas na Retórica.

Conforme Kaneko e Yanagita, os provérbios são classificados de acordo com o conteúdo, a estrutura, a retórica e a vicissitude, esta última excluída no presente trabalho:

5.1. *Conteúdo*

Com relação ao conteúdo, estabelecemos a seguinte ordem:

1. Crítica e ironia

Ex: a) ごまめの歯ぎしり

*Gomame*¹-no hagishiri

O rangido de dentes da sardinha

b) 紺屋の白袴

*Kôya-no shirobakama*²

A roupa branca do tingidor

2. Transmissão de ensinamentos, como, por exemplo:

a) 朱に交われれば赤くなる

Shu-ni majiwareba akaku naru

Se conviveres com o vermelho, tornar-te-ás rubro

b) 喉元過ぎれば熱さ忘れる

Nodomoto sugireba atsusa wasureru

Se passou pela garganta, esquece-se a queimadura

c) 勝って兜の緒をしめよ

Katte kabuto no o-o shimeyo

(Mesmo) depois da vitória, não tires o capacete

3. Transmissão de conhecimentos e verdades relacionados à meteorologia

Os provérbios relacionados à meteorologia são os mais numerosos no âmbito do cotidiano do povo japonês. Conforme os dados de Daigo (1983), eles somam 8.960.

Ex: 朝雨に蓑要らず

Asa-ame-ni mino irazu

Chuva de manhã, não há necessidade da capa (é passageira)

月夜に大風なし

Tsukiyo-ni ôkaze nashi

Não há ventania na noite enluarada

4. Transmissão de verdades

Ex: 月満つれば欠く

Tsuki mitsureba kaku

Se a lua atinge a cheia, mingua

出る釘は打たれる

1. *Gomame* = sardinha miúda, seca e adoçada.

2. *Kôya* ou *konya* = tintureiro especializado em tingir de azul. *Shirobakama* = *shiro*(branco), *bakama*(peça de vestuário, sonorização eufônica do *hakama* em consequência da junção com o termo *shiro*).

Deru kugi-wa utareru

O prego que salta é golpeado

5. Provérbios com algum aspecto jocoso

Ex: 東男に京女

Azuma-otoko-ni kyô-onna

O homem de Edo e a mulher de Kioto³

京へ筑紫に坂東さ

Kyô-e Tsukushi-ni Bantô-sa

Em Kioto (se usa)o *e*, (em) Kyushu,o *ni* e (na região) Leste, o *sa*⁴

Os subitens de 1 a 3 possuem o caráter lógico, ideológico e argumentativo do lugar comum e o item 4, o caráter jocoso que corresponde ao “estereótipo verbal” coincidente com as idéias de Chauvin (1993, p. 23).

[...] Les stéréotypes verbaux désignent donc pour moi non seulement les figures usées mais aussi les expressions idiomatiques, locutions, tournures usuelles, c'est-à-dire toute association lexicale perçue comme déjà inscrite dans la pratique linguistique.

Embora os provérbios possam apresentar diversidades, Kaneko (1983, pp. 123, 124) conclui que todos eles abrigam o espírito crítico, até mesmo aqueles que aparentam ser um inocente jogo de palavras.

As frases concisas do provérbio, cuja finalidade era a transmissão da sabedoria da vida, são apresentadas com estruturas frasais diversas, classificadas da seguinte forma⁵:

5.2. Forma

Em relação à forma, estabelecemos a seguinte ordem:

1. forma que caracteriza descrição “isto é aquilo”

Ex: 蛙の子は蛙

Kaeru-no ko-wa kaeru

Filho de sapo sapinho é

親に似ぬ子は鬼子

3. O homem ideal deve ser generoso e decidido como os homens da região Leste, e a mulher, delicada e elegante como as de Kioto.
4. Utilizando as partículas *e/ni/sa*, que indicam a direção,metáforiza o dialeto de respectivas regiões.
5. Grande Dicionário de Estudo de Língua Japonesa, Associação de Estudos da Língua Japonesa, 1980. Kaneko, O Provérbio do Japão, Cap. 4.

Oya-ni ninu(ko-wa) onigo'

Filho que não se parece com os pais é filho do diabo

2. forma que caracteriza ordem “faça isso”

Ex: 善は急げ

Zen-wa isoge

Apressa-te a fazer o bem

七度さがして人を疑え

Nanatabi sagashite hito-o utagae

Procure sete vezes e (então) desconfie de alguém

3. forma que caracteriza o nexo entre causa e efeito, ou seja, a condição “se fizer isso, acontecerá aquilo”

Ex: 噂をすれば影がさす

Uwasa-wo sureba kage-ga sasu

Se se fizer de mexerico, aparece a sombra

待てば甘露の日和

Mateba kanro-no hiyori

Se esperar, chegará o dia da chuva de néctar

4. forma que caracteriza paralelismo ou enumeração “isto e aquilo”

Ex: 月とすっぽん

Tsuki-to suppon

A lua e o cágado

朝の雨と女の腕まくり

Asa-no ame-to onna-no udemakuri

A chuva da manhã e o arregaço de manga de mulher (não trazem graves consequências)

5. forma que caracteriza acréscimo “isto para aquilo”

Ex: 鬼に鉄棒

Onini-ni kanabô

Barra de ferro para o ogro

泣く面を蜂が刺す

Naku tsura-o hachi-ga sasu

O marimbondo ferroa o rosto chorão

6. forma que expressa comparação de superioridade “isto é mais que aquilo”

Ex: 論より証拠

Ron-yori shôko

Melhor a prova que a discussão

花より団子

Hana-yori dango

Melhor bolinhos que flores

7. forma que expressa qualificação/atribuição

Ex: ころばぬ先の杖

Korobanu saki-no tsue

Bengala antes do tombo

鳥なき里の蝙蝠

Tori naki sato-no kômorî

O morcego da aldeia sem pássaros

O provérbio é considerado um gênero artístico literário de transmissão oral caracterizado pela concisão. Para que ele possa obter o efeito artístico sob tal condição, diversos recursos retóricos são usados, recursos estes mais utilizados nos provérbios mais recentes, enquanto que, nos antigos, não há a preocupação com a elaboração retórica (Kaneko, 1983, p. 103).

5.3. Retórica

Com relação à retórica, Kaneko (1983) estabelece a seguinte classificação:

1. preferência pela utilização de números redondos

Ex: 二階から目薬

Nikai-kara megusuri

Colírio (pingado) do alto do sobrado (*segundo andar*)

仏の顔も三度

Hotoke-no kao-mo sando

Paciência de santo também (é) até **três** vezes

2. utilização da hipérbole

Ex: 雀百まで踊り忘れず

Suzume hyaku-made odori wasurezu

Um pardal não esquece a dança até os **cem** anos

娘一人に婿八人

Musume hitori-ni muko hachi-nin

Oito noivos (pretendentes) para uma noiva (moça/filha)

3. utilização do oxímoro, cujo efeito esperado é primeiramente a surpresa; devido à contradição, depois é que se percebe a verdadeira intenção velada.

Ex: 論語読み 論語知らず

Rongoyomi rongoshirazu

Estudioso da teoria, ignorante da prática

合わせ者は離れ者

Awasemono-wa hanaremono

(O que foi) Juntado (é) separável

4. utilização da metáfora

Esta seção receberá um tratamento especial, por ser a metáfora considerada o recurso mais importante no provérbio. Nem todo provérbio se serve desse recurso, mas é amplamente utilizado e é o que aproxima o provérbio da literatura (Kaneko, 1983). Tanto é que, no Japão, o provérbio era denominado de metáfora (*tatoe*).

A metáfora pode ser de sentido explícito 明喩 (*meiyu*)/ 直喩 (*chokuyu*)⁶ ou sentido implícito 暗喩 (*anyu*)/ 隱喩 (*inyu*)⁷. A primeira fase de elaboração da metáfora é a do sentido explícito, em que é estabelecida a comparação “como se fosse” (*no yôna*), como nos exemplos seguintes:

金時の火事見舞いのよう

Kintoki-no kajimimai-no yô

Como se fosse Kintoki⁸ no local de incêndio

6. Mei = clareza / choku = direto / yu = ensinar.

7. An = obscuro / in = oculto.

8. *Kintoki*, do personagem lendário Sakata Kintoki, considerado na infância criança robusta (de rosto ruborizado), tornou-se sinônimo da cor vermelha.

(rosto ruborizado pela embriaguez)

男心は秋の空のよう

Otokogokoro-wa akino sora-no yô

O coração dos homens é como se fosse o céu de outono (instável)

A metáfora é enfraquecida por excesso de explicação. Por conseguinte, o tempo se encarregou de suprimir dos provérbios os termos comparativos, estabelecendo a metáfora propriamente dita:

金時の火事見舞い

Kintoki-no kajimimai

Kintoki no local de incêndio

男心は秋の空

Otokogokoro-wa aki-no sora

O coração dos homens (é) um céu de outono

A característica do provérbio, em expor todo um universo em frases concisas, estimulou o uso das expressões simbólicas⁹:

a) A expressividade dos provérbios metafóricos gerou nuances sutis em conteúdos similares. Por exemplo, os provérbios:

① 瓜の蔓には茄子はならぬ

Uri-no tsuru-niwa nasubi-wa naranu

Não dá beringela no pé de pepino

② 鳶の子は鷹にはならぬ

Ton'bi-no ko-wa taka-niwa naranu

O filhote de milhafre nunca se tornará um falcão

③ 蛙の子は蛙

kaeru-no ko-wa kaeru

Filho de sapo sapinho é

aparentam tratar do mesmo assunto, ou seja, de valores; mas o ① está centrado no valor da espécie, o ②, na ascensão da espécie e o ③, embora se refira igualmente ao valor, não demonstra o almejo à ascensão como no ②.

9. Kaneko, obra *idem*, p. 118.

As mesmas diferenças sutis apresentam os provérbios metafóricos que tratam de dessemelhanças, como nos seguintes exemplos:

雪と墨

Yuki-to sumi

A neve e a tinta-preta

月とすっぽん

Tsuki-to suppon

A lua e o cágado

O último trata da diferença de valores e o primeiro, da espécie.

c) Provérbios metafóricos, referentes à situação, cujo atraso minimiza o resultado esperado:

① O atraso de horas:

けんか過ぎての棒乳切り

Kenka sugite-no bôchigiri

O pau depois da briga;

② O atraso de um dia:

六日の菖蒲十日の菊

*Muika-no ayame tôka-no kiku*¹⁰

O íris do dia seis, o crisântemo do dia dez

③ O atraso de alguns dias:

葬礼過ぎての医者話

Sôrei sugite-no ishabanashi

Falar em médico depois do funeral

d) Os provérbios que metaforizam a individualidade também apresentam diferenças quanto à abrangência do âmbito da individualidade:

① 十人十色

Jûnin toiro

10. No dia 5 de maio, é comemorado no Japão o festival dos meninos, data em que se hasteiam tecidos em forma de carpas no telhado e toma-se banho com folhas de *ayame* (íris). Acredita-se que com isso se esteja fortalecendo a saúde do menino. No dia 9 de setembro comemora-se o festival de *kiku* (crisântemo). Passado o dia, perde o sentido.

Dez pessoas, dez cores

② 蓼食う虫も好き好き

Tade kuu mushi-mo sukizuki

O inseto que come pimenta d'água (gosto não se discute)

③ 面々の楊貴妃

*Menmen-no Yôkihi*¹¹

A imperatriz de cada um (cada marido pensa que possui uma imperatriz em casa)

A abrangência do gosto pessoal é maior e geral no exemplo ① e vai-se estreitando progressivamente no ② e no ③. Portanto, para usar provérbios metafóricos no discurso, é necessário discernir a sutileza dessas nuances a fim de obter sucesso na persuasão.

5.4. Recursos orais

Uma das características do provérbio é sua dependência da transmissão oral. Para a memorização concorriam alguns fatores, quais sejam a concisão, a cadência e a metáfora. Os provérbios, breves por natureza, eram encurtados mais ainda para facilitar a memorização, ajudada pela cadência e metáfora (Yanagita, 1962).

1. A utilização da supressão. Ex:

(恐ろしいものは) 地震雷火事親父

(Osoroshii monowa) Jishin kaminari kaji oyaji

(As coisas que metem mais medo são) o terremoto, o trovão, o incêndio e o pai

当て言と越中褌 (向こうから外れる)

*Ategoto-to ecchûfundoshi*¹² [*mukô kara hazureru*]

A expectativa e a tanga (desfaz-se do lado de lá)

2. A utilização de determinados números de sílabas que resultam na cadência.

Ex: Rimas de 7/5 sílabas, que podem ser interpretadas como 3/4/5 sílabas

旅は道連れ

Tabi-wa michizure

Na viagem, a companhia

11. Yôki-hi, esposa predileta do imperador Xuang Zong (玄宗) da dinastia de T'ang (618-906), formosa e talentosa nas artes.

12. *Ecchûfundoshi* é peça íntima masculina feita com faixas de pano, hoje em desuso.

Ta (1) bi(2) wa(3) mi (4) chi(5) zu (6) re(7) yo(1) wa(2) na(3) sa(4) ke(5);

Rimas de 7 / 7 sílabas

人と屏風は直ぐでは立たぬ

Hito-to byôbu-wa sugudewa tatanu

O homem e o biombo não param em pé se permanecerem eretos (devem ser flexíveis)

Hi (1) to (2) to(3) byo(4) o(5) bu(6) wa(7) su(1) gu(2) de(3) wa(4) ta(5) ta(6) nu(7)

Rimas de 5 e 5 sílabas

背に腹は代えられぬ

Se-ni hara-wa kaerarenu

Não se pode substituir as costas pela barriga

Se (1) ni (2) ha(3) ra(4) wa (5) ka(1) e(2) ra(3) re(4) nu(5)

5.5. Recursos fonéticos

A natureza oral da transmissão do provérbio requer recursos fonéticos que facilitem a memorização. A técnica da cadência é usada exclusivamente como recurso retórico fonético. Utiliza-se também a combinatória dos recursos fonético e semântico tais como a aliteração, a repetição, a enumeração, o antônimo e o paradoxo.

O efeito esperado com a repetição e a enumeração é basicamente proporcionar a consistência e o do antônimo e do paradoxo é o equilíbrio e a harmonia (Kaneko, 1983).

Kaneko dá como recursos fonético-semânticos os seguintes:

1. A aliteração no final dos termos:

短気は損気

tanki-wa sonki'

A precipitação (é) perdição

2. A aliteração no início dos termos:

なくて七癖

Nakute nanakuse

Sem mania, sete manias

3. O uso de termos antonímicos com ocorrência de aliteração nos finais de todas as partes da frase. Ex:

聞いて極楽 見て地獄

Kiite gokuraku mite jigoku

Ouvindo é paraíso, vendo é inferno

Kiite gokuraku mite jigoku

4. A enumeração:

夜目 遠目 笠 (傘) のうち

Yome tôme kasa-no uchi

(Vista à noite), (vista) à distância e (vista) sob o chapéu (sombriinha)

Yome tôme kasa-no uchi

5. A ocorrência simultânea de aliteração, repetição, enumeração e antonímia.

Ex:

① 昔は昔今は今

Mukashi-wa mukashi ima-wa ima

Antigamente é antigamente, hoje é hoje

② 馬には乗ってみよ人には添うてみよ

Uma-niwa notte miyo hito-niwa soute miyo'

O cavalo, experimente montar, pessoas, experimente relacionar-se

③ 上戸は毒を知らず下戸は薬を知らず

Jôgo-wa doku-o shirazu geko-wa kusuri-o shirazu

O bêbado desconhece o veneno, o sóbrio desconhece o remédio

④ 蕪大蒜にぎり屁

Nira nin'niku nigirippe ¹³

Cebolinha japonesa, alho, segura-peido

O provérbio não vive nos livros. Por ter sido transmitido oralmente no decorrer da história da vida do povo japonês é que sobrevive nos dias de hoje, revivendo no cotidiano da vida moderna.

Para que o papel e a função do provérbio se efetivem num dado contexto, Anada (1983) afirma que é necessário que tais expressões e seus significados tenham sido transmitidos pelos mais velhos durante o processo do ciclo vital das pessoas que delas se utilizam, e que as informações sejam comuns às pessoas do grupo. Todavia, nos

13. Enumeração de alimentos que formam gases.

tempos recentes, a tendência de nucleação familiar e a notável transformação social impedem a realização plena desse processo de informação.

Anada presume que a existência de dicionários de provérbios, compilados na seqüência do silabário de língua japonesa, seja pela necessidade de confirmar o significado e a importância de aprender esses provérbios.

Sendo o provérbio obra de autores anônimos, ele deve a sua sobrevivência ao senso comum de inúmeras pessoas indistintamente, e seu conteúdo está relacionado aos diversos cenários da vida cotidiana do homem, apontando a sutileza psicológica, e tornando-se a sabedoria da vida prática. O ditado, as palavras sábias e a máxima também possuem esse caráter, não, porém, quando seu autor e fonte são conhecidos. Pode haver os que não conseguem acompanhar a mudança da sociedade, assim como aqueles que passam por dificuldades no processo de transmissão. Todavia, dentro de um ciclo longo da cultura e da sociedade, ainda continuam vivos. O provérbio, enquanto porta-voz da personalidade social, permite a investigação das condições de vida e das peculiaridades do povo japonês.

Bibliografia

- ANADA, Yoshiyuki. “*Akinasu yomeni kuwasuna – kotowaza shakai shinrigaku*” (Não Deixe a Nora Comer a Beringela de Outono – a Psicologia Social de Provérbio). In: *Gengo*. vol. 12, n. 1. Tóquio, Taishûkan-shoten, 1983.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude. “*Temps linguistique et theorie des topoï*”. In: *Lieux communs, topoï, stéréotypes, clichés*. PLANTIN, C. (org.). Paris, Kimés, Cap. 25, pp. 271-289.
- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Les Belles Lettres, 1979.
- ARNAUD, Pierre J. L. & MOON, Rosamund. “*Fréquence et emplois des proverbes anglais et français*”. In: *Lieux communs, topoï, stéréotypes, clichés*. PLANTIN, C. (org.). Paris, Kimé, 1993, Cap. 29, pp. 323-341.
- COHEN, Jean. “*Teoria da Figura*” In: *Pesquisa da Retórica*. Petrópolis, Vozes, 1975, pp. 7-40.
- DAIGO, Yoshiyasu. “*‘Iwashigumowa ame’ - kotowazano kagaku*” (A Nuvem ‘Sardinha’ é Chuva – a Ciência no Provérbio). In: *Gengo*, vol. 12, n. 1. Tóquio, Taishûkan-shoten, 1983.
- DLEUZE, Gilles. *Empirisme et Subjectivité*, Paris, Presses Universitaires de France, 1993, [1953], p. 17.
- DUBOIS, J. *et alii* (Groupe MI) *Retórica Geral*. Tradução de C. F. Moisés, D. Colombini e E. Barros, São Paulo, Cultrix, 1970.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de Semântica Lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1977.
- . “*Le topoï dans la ‘Théorie de l’argumentation dans la langue’*” In: *Lieux communs, topoï, stéréotypes, clichés*. PLANTIN, C. (org.). Paris, Limés, 1993, pp. 233-248.
- DULONG, Renaud. “*La fonction des clichés dans l’énoncé de la réputation*”. In: *Lieux communs, topoï, stéréotypes, clichés*. PLANTIN, C. (org.). Paris, Kimé, 1993, Cap. 16, pp. 162-169.
- GUIMARÃES, Eliza. *Figuras de Retórica e Argumentação*. In: *Retóricas de Ontem e Hoje*. São Paulo, Humanitas Livraria FFLCH-USP, 1999, pp. 145-165.
- JOLLES, André. *Formas Simples*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix, 1976.
- KANEKO, Takeo. *Nihon-no kotowaza* (Os Provérbios do Japão), vol. 2- *Zoku-Hyôshaku* (Crítica e Interpretação). Tóquio, Umitsubame Shobô, 1982.
- . *Nihon-no kotowaza* (Os Provérbios do Japão), vol. 3 – *Hyôron* (Análise e Crítica). Tóquio, Umitsubame Shobô, 1983.

- KLINKENBERG, J. M. *Les Sens Rhétorique*. Toronto, Ed. Du Gref, 1996, pp. 1-24 (*Leçon inaugurale: "Cognition, sens e figure de rhétorique"*).
- LOPES, Edward. *Metáfora – da Retórica à Semiótica*. São Paulo, Atual, 1987.
- NAKAMURA, A. *Hiyuhyôgenno Riron-to Bunri* (Teoria e Classificação das Expressões Metafóricas). Tóquio, Shûei-shuppan, 1976.
- NICOLET, Daniel. "*Topos et forme logique dans la théorie aristélicienne de l'argumentation*" In: *Lieux communs, topoï, stéréotypes, clichés*. PLANTIN, C. (org). Paris, Kimé, 1993, Cap. 38, pp. 457-463.
- PERELMAN, C. & TYTECA, L. O. *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica*. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- ROCH, Jean L. "*De l'usage social des lieux communs – Le pauvre peuple et le gueux sans souci – À la fin du Moyen Âge*". In: *Lieux communs, topoï, stéréotypes, clichés*. PLANTIN, C. (org.). Paris, Kimé, 1993, Cap. 29, pp. 204-217.
- RYAN, Eugene. "*L'argumentation rhétorique d'Aristote: Séquence prédicative-inconceptuelle*" In: *Lieux communs, topoï, stéréotypes, clichés*. Paris, Kimé, 1993. Cap. 39, pp. 464-479.
- SATO, Nobuo. "*'Honoowa kemurikara tôku nai' – kotowazato retorikku*" (A Chama não fica Longe da Fumaça – Provérbio e Retórica). In: *Gengo*, vol. 12, n. 1. Tóquio, Taishûkan-shoten, 1983.
- TOYAMA, Shigehiko. "*Wataru seken-ni oni-wa nai' – kotowazano ronri* (Não há Diabo ao Transitar pelo Mundo – A Lógica do Provérbio). In: *Gengo*, vol. 12, n. 1. Tóquio, Taishûkan-shoten, 1983, pp. 30-34.
- YANAGITA, Kunio. *Nazoto kotowaza* (Charadas e Provérbios). In: *Teihon Yanagita Kunio-shû, dai21kan* (Coleção re-elaborada Yanagita Kunio, vol. 21). Tóquio, Chikuma-shobô, 1962, pp. 69-148.
- WAKAMORI, Tarô. *Geinô denshō* (Transmissão Artística). In: *Nihon Minzokugakuk kōza* (Coleção O Folclore Japonês), vol. 4. Tóquio, Asakura-shoten, 1962.